



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 11 | Nº. 20 | Jan./Jun. de 2019

Telma Bessa Sales

*Professora adjunta da
Universidade Estadual Vale do
Acará (UVA) / Doutora em História
pela Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo.*

telmabessa@hotmail.com

PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DE SOBRAL: vamos falar sobre isso.

RESUMO

A cidade de Sobral possui uma riqueza patrimonial que suscita muitas pesquisas. Além dos casarios do século XIX há um patrimônio industrial e uma reutilização dos espaços que outrora foram estabelecimentos fabris. O artigo trata do patrimônio industrial de Sobral que são vestígios que se referem a edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitação, locais de culto ou de educação. O artigo busca colaborar com a discussão do valor histórico dos bens industriais no Estado do Ceará e coloca em pauta a necessidade do reconhecimento, da valorização e da preservação destes bens patrimoniais de natureza industrial.

Palavras-chave: Patrimônio industrial; Memórias; História oral.

ABSTRACT

The city of Sobral has a wealth of heritage that sparks much research. In addition to the houses of the 19th century, there is an industrial heritage and a reuse of spaces that were formerly factory establishments. The article deals with the industrial heritage of Sobral, which are vestiges that refer to buildings and machinery, workshops, factories, mines and processing and refining sites, warehouses and warehouses, production, transmission and use centers, energy, means of transport and all its structures and infrastructures, as well as the places where social activities related to industry were developed, such as housing, places of worship or education. The article seeks to collaborate with the discussion of the historical value of industrial goods in the State of Ceará and highlights the need for recognition, appreciation and preservation of these industrial assets.

Keywords: Industrial heritage; Memoirs; Oral history.

Patrimônio industrial de Sobral: vamos falar sobre isso

“Essa abertura para o mundo que a cultura e a educação têm que ter, ela tem que se verificar na prática. Quando você abre para o mundo você aprende, você recebe fluxos e influxos dessa relação entre nós e o que está muito distante, e o que nos aproxima é essa natureza da cultura e da produção do conhecimento que só a educação permite.” (Campelo Costa – arquiteto)¹

103

Campelo Costa é um arquiteto e urbanista bastante conhecido, pois além de ser autor de variados projetos também foi secretário de cultura, sua prática profissional é bem complexa e dialoga com os diversos segmentos sociais. Além de ser autor de várias intervenções arquitetônicas na cidade de Sobral, é um amante da cidade, das personagens e transeuntes que compõe a paisagem urbana. Suas palavras sobre cultura e educação vão além do script ou da planta de uma obra de arquitetura e nos instiga a pensar a utilidade interesse e envolvimento da população frente aos processos de reconhecimento, valorização, preservação de um sítio ou de um prédio, ruínas ou vestígios industriais.

A cidade de Sobral nestes últimos meses está ‘na boca do povo’ com notícias sobre o sucesso no quesito programa educacional para o ensino fundamental. Não só no aspecto do sistema de educação, como também na preservação de bens culturais, se vê e se ouve sobre a cidade em notícias de rádio e na televisão em cadeia nacional.²

Algo que nos interpela neste binômio educação e bens culturais seria a necessidade da existência de uma educação patrimonial que deve começar bem cedo na vida escolar, na concepção da historiadora (SAMPAIO 2018: 170) “o respeito pelos nossos valores culturais deve começar no banco da escola, assim como as crianças aprendem a estudar inglês, educação física, devem ter educação patrimonial. Temos uma carência de estudos sobre patrimônio, de uma maneira geral”.

¹ CAMPELO COSTA – entrevista em vídeo arquivada no LABOME. O Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME da Universidade Vale do Acaraú (UVA), está vinculado ao Centro de Ciências Humanas, promove a difusão de pesquisas que estão sendo desenvolvidas por professores através da linguagem visual, articulando filmes (documentários), fotografia, artes plásticas, instalações e desenhos. Realizada por Telma Bessa, Karine Lima, Jerfson Lins e Matheus Lima em 05 de dezembro de 2018, Casa do Capitão-Mor, Sobral, Ceará. A entrevista faz parte do projeto de IC-CNPQ Educação e patrimônio industrial em Sobral: narrativas contemporâneas a partir das práticas da Prof^a. Ada Pimentel e do arquiteto Campelo Costa.

² <https://www.uol.com.br › ecoa › a-experiencia-de-sobral-em-educacao> (outubro 2019); <https://www1.folha.uol.com.br › educacao › 2018/09> (setembro 2018)

<https://www.revistaplaneta.com.br › Cultura> (agosto 2019)

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br › editorias › doc › sitio-historic...> (fevereiro 2018)

Essa profissional da Universidade de Évora (CIDEHUS) e IHC - faculdade de ciências sociais e humanas da Universidade Nova de Lisboa, afirma ainda:

Esta educação patrimonial deve ser desenvolvida nos vários níveis de ensino e ao longo do desenvolvimento do jovem, porque quanto mais cedo se fizer, mais as gerações estarão sensibilizadas e com uma educação mais completa (não é só inglês, matemática). Temos que ter valores e a educação patrimonial é fundamental para isso, não só nas escolas, mas envolvendo também as famílias, a comunidade, sensibilizando a todos. Nós, como indivíduos, devemos ter respeito pelo ser humano porque ele passa pelo respeito pelo património. Olhar à nossa volta e ver quais são os nossos valores, aquilo que nos valoriza enquanto seres humanos, nos torna mais próximos uns dos outros, o que nos leva a ser mais completos e mais próximos dos outros, procurando respeitar as suas emoções, porque isso também é património. Portanto, o jovem tem que, acima de tudo, ter a noção do respeito pelo outro, aceitar o outro, respeitar a diversidade do outro. Todos nós somos património, para além de todas as discussões sofisticadas e teóricas, o ser humano é o maior património.³

Nesta perspectiva, ao se falar em educação, património e cultura, somos conhecedores que “o centro histórico de Sobral é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) e possui aproximadamente 1.200 imóveis na área de proteção rigorosa” (MOTA, CAVALCANTE, et al., 2016: 02). O tombamento se deu pela Portaria N° 392, de 28 de outubro de 1999, do Ministério da Cultura. Vê-se o casario do século XIX com fachadas imponentes e diversas igrejas centenárias, “protegido em nível federal pelo Decreto-Lei nº 25 de 1937 com edificações concentradas no centro da cidade e em seu entorno que foram construídas no Século XVIII, XIX e XX”. Essas edificações representam a história e a cultura sobralense.

Sobral, no entanto, é mais que isso: é também património industrial. Compreendendo a necessidade da amplitude da reflexão sobre património há uma visão consolidada pela Carta Nizhny Tagil (2003) do TICCIH, que apresenta o conceito do que é património industrial:

O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.⁴

³ SAMPAIO, Maria da Luz. In: MATOS, Ana Cardoso de; SALES, Telma Bessa. (Orgs.). *Conversando sobre património industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens*. Sobral: Edições UVA, 2018.

⁴ MATOS Ana Cardoso de; SALES, Telma Bessa. (Orgs.). *Conversando sobre património industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens*. Sobral: Edições UVA, 2018.; SALES, Telma Bessa. *Património industrial: palavras, imagens e práticas*. Revista Historiar. Sobral, v. 7, n. 13, 2015 .

Apreciados como elementos que compõem o quadro da paisagem urbana, bens culturais de natureza industrial representam uma camada do patrimônio cuja preservação indica um grande desafio aos órgãos de preservação, diante à crescente transformação dos processos econômicos e imobiliários, como a desindustrialização e o crescimento de empreendimentos, que atuam sobre as grandes cidades. Tendo em vista o cenário histórico e cultural de Sobral, dadas as especificidades de seu desenvolvimento industrial pautado principalmente pelo beneficiamento do algodão, vale considerar a discussão atualizada sobre como, de quais formas, o patrimônio cultural pode ser apropriado e ser ressignificado a partir de novos usos atribuídos no processo de conservação e restauração.

É importante salientar que a ideia de patrimônio cultural assume uma visão inclusiva que amplia a análise do patrimônio edificado, quer ampliar ou dialogar com a ideia de patrimônio vista somente no aspecto do ‘cal e gesso’. Busca compreender esses bens culturais de natureza industrial, ruínas, vestígios de espaços fabris dentro de novas formas de conhecimento e de pesquisa que nos aproxima da necessidade de pensar esses espaços como pontos de referência em “memória do trabalho” ou “memória dos espaços de produção”.

Sim espaços de trabalho e memórias de trabalhadores. Ao dialogar com estudiosos do Brasil e de Portugal a respeito das elaborações e estudos sobre patrimônio industrial no livro *Conversando sobre Patrimônio Industrial e outras histórias*, Maria da Graça da Silveira Filipe nos chama a atenção para as implicações do trabalho com patrimônio e a história oral:

A nossa sociedade contemporânea, leva-nos a nós, técnicos do património, por um lado, e, por outro, também investigadores sociais, a ter que nos embrenhar bastante pela memória oral, pelas relações entre as pessoas; quais são os significados dos valores atribuídos a determinados contextos industriais, não apenas pela natureza tecnológica desses bens, ou pelos contextos económicos. E essa dinâmica de trabalho, para mim, tem sido um desafio grande.⁵

Ou seja, ao falar de patrimônio industrial, além da arquitetura, das edificações fabris, das instalações e maquinário, e tudo aquilo que constitui a materialidade dos

⁵ FILIPE, Maria da Graça da Silveira. MATOS, Ana Cardoso de; SALES, Telma Bessa. (Orgs.). *Conversando sobre patrimônio industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens*. Sobral: Edições UVA, 2018.

espaços de trabalho e produção, requer também falar dos sujeitos, da comunidade, de uma cultura imaterial. O patrimônio industrial é assim reduto de diferentes memórias e experiências de sujeitos, grupos e comunidades que vivenciaram as transformações culturais promovidas pelos processos industriais. Nas palavras de (MENEGUELLO 2011: 1819-1834) “a indelével associação entre os espaços de trabalho e as memórias dos trabalhadores incide também na dimensão imaterial da experiência industrial, que estão relacionadas aos saberes, as rotinas do trabalho e as práticas cotidianas”

Em Sobral há uma fábrica do século XIX que marca a vida da cidade. Há vários estudos sobre o início da industrialização sobralense com a chegada da fábrica de tecidos Ernesto Deocleciano CFTED, com a expansão da cidade e do comércio. Por localizar-se próximo a dois grandes portos (Camocim e Acaraú) a fábrica Ernesto Deocleciano exportava produtos e também recebia matérias primas de outros países, o que contribuiu para o êxito que adquiriu durante um longo período, tendo o escoamento de seus produtos facilitados pela ferrovia que fazia o ramal entre Sobral e as cidades vizinhas. Carlos Augusto Pereira dos Santos corroborando com as palavras de Lustosa Da Costa (1987) elucida que:

Arrendada a ferrovia, ele (Ernesto Deocleciano), pôs o seu empenho no tráfego de Camocim a Ipú, o que veio a trazer imensos benefícios não somente para a ‘fábrica de Sobral’, pelo transporte mais rápido e barato de seus tecidos para as regiões consumidoras do Norte do estado, mas também para a própria região ao facilitar o escoamento da produção agrícola. (Lustosa da Costa, 1987).⁶

Várias narrativas de estudiosos sobre esta temporalidade de crescimento e desenvolvimento de Sobral compõem uma bibliografia por meio de livros, teses, artigos e monografias de várias áreas do saber. Como exemplo, vale conhecer a análise do historiador Denis Mello (2011) ao falar da importância da fábrica:

O primeiro impacto que a fábrica teve foi na dimensão econômica, que durante muito tempo permaneceu como a principal fonte empregadora dos trabalhadores do lugar. A sua instalação trouxe consigo um fator revolucionário, transformando a cidade em um pólo comercial e industrial. O segundo impacto foi na modificação da geografia do local, pois com a chegada da indústria houve uma mudança no desenho da cidade já que as casas que antes despontavam sempre ao redor das grandes igrejas começaram a partir de então a ser construídas próximas da fábrica para facilitar a locomoção dos operários até o trabalho, dessa forma expandindo o núcleo da cidade.⁷

⁶ Extraído do documentário “a vida entre tecidos fios e nós” depoimento do professor Dênis Mello, disponível no you tube. Acessado em 03/08/2018.Brasil.2011.

⁷ Idem.

Quando no dia 20 de Maio de 1972, na coluna *Nossa História*, o *Jornal Correio da Semana* apresenta um artigo do Pe. João Mendes Lira a respeito da chegada da fábrica de tecidos Ernesto Deocleciano (FTED), o olhar era de colocar a cidade no rol da modernidade, de seguir a revolução industrial... Hoje, passados muitos anos nosso olhar se volta para os vestígios desta antiga fábrica, e além desta, outros espaços fabris que são reutilizados atualmente.

A implementação da fábrica de tecidos traz novos ares para a cidade, como informa a narrativa de uma personagem que cresceu dentro do espaço da fábrica (Sra. Geovana Mont'Alverne) pois seu pai sempre trabalhou na consolidação da fábrica de tecidos Ernesto Deocleciano. Eis um pouco de suas memórias ao falar do surgimento desta nova indústria:

A fábrica para mim ela é uma referência para a História da cidade, no aspecto econômico, no aspecto histórico, social... para Sobral, era um símbolo da industrialização... Sobral no final do século XIX, ela tinha pequenas fábricas, né? Fábricas de cigarro, fábricas de gelo fábrica de conhaque, mas eram fábricas de pequeno porte... então entra, uma fábrica de fiação e tecelagem de um porte muito maior, não é? E trazendo para a Cidade um surto modernizador.⁸

Nesta dimensão, pensar a cidade é pensar na sua história de industrialização, corroborando com uma concepção de patrimônio alargada e assim, o tema do patrimônio industrial ganha amplitude. A natureza diversificada do patrimônio industrial no Ceará nos impele na busca de se refletir também sobre o valor histórico dos bens industriais no Estado. Ou seja, conhecer possíveis mecanismos para o reconhecimento, a valorização e a preservação deste patrimônio, tentando compreender a importância de preservar bens desta tipologia, a exemplo de experiências como os espaços preservados na cidade de Sobral que envolve um centro cultural (Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes - ECOA), um Museu (Museu Madi), um Campi da Universidade Federal do Ceará (UFC), um campi da Universidade Estadual Vale do Acaraú (Companhia Industrial de Algodão e Óleo - CIDAO) que foram outrora, espaços fabris.

Ao se pensar a História de Sobral por meio das edificações de igrejas e de casarios constatamos que esta é uma das cidades que, de fato, preserva e desenvolve uma política de educação cultural como uma das marcas das gestões governamentais ao longo dos anos. Considerando todo o avanço e feitos em relação ao patrimônio da

⁸ Idem.

cidade, gostaríamos, no entanto, de instigar uma reflexão para se perceber a cidade de Sobral além dos casarios cheios de glamour de uma época importante do desenvolvimento. Optamos pelo viés que complementa o olhar por meio da construção arquitetônica, e lança este olhar na perspectiva e do ponto de vista de quem a construiu ou de como esses espaços na cidade são ressignificados pelos seus próprios usuários.

Eis abaixo um desenho de Campelo Costa, um observador de paisagens que retém os detalhes dos processos de mudanças nos espaços fabris de Sobral (antiga Usina dos Irmãos Araújo e imagem após a intervenção). Como ele afirma sobre a alteração da estrutura de Usina para a ECOA: ‘as estruturas de modo geral não foram tão modificadas, para aproveitamento total do espaço disponível, parte dos galpões, por terem um pé-direito grande, receberam um segundo andar e janelas para uma maior iluminação natural e ventilação’.

Hoje neste espaço funciona a Escola de Cultura, Comunicação, Ofícios e Artes ECOA. O processo de adaptação do espaço já existente consistiu na transformação daquele espaço fabril em um espaço social voltado para atender a demanda de cultura da população sobralense, na linha do que assinala (OLIVEIRA, 2012) “patrimônio histórico, arquitetônico e urbano só é verdadeiramente assumido como valor cultural e social quando integrado na vida das comunidades contemporâneas”.

Fig. 01- Galpões antes e após a intervenção: paredes maciças e presença dos beirais. Desenho de Campelo Costa



Fonte: SEPLAM

Considerando as reutilizações de espaços e vestígios fabris, vale ressaltar a reflexão da profa. Maria Leticia M. Ferreira, professora na Universidade Federal de Pelotas, ao expor sobre os espaços fabris reutilizados, pois há uma inversão de funções e sentidos: o que antes era um lugar de trabalho se transforma em um lugar de memória.

A patrimonialização desses espaços confere aos mesmos outros sentidos, deslocando-os daqueles que estão em sua origem. Inseridos em outra ordem, a da memória, e outra estética, a do patrimônio, lugares de trabalho e produção passam, então, a fazer parte de roteiros culturais e de entretenimento. (FERREIRA, 2009: 22)

Há, de fato, o desafio de se pensar a história como experiência humana, conhecer versões mais democráticas e ampla sobre a história das indústrias sobralenses, pois há inquietações nesta dimensão. Há que se verificar em que medida há uma construção elaborada de uma história heroica, ufanista, sem inclusão dos diversos setores que se constituíram e construíram a cidade ao longo do tempo, pois corre-se o risco de excluir sujeitos sociais presentes e atuantes na própria construção da cidade, o que implica uma verdadeira invisibilização das populações pobres, que são relegadas à margem, como afirmam os estudos de Nilson Almino de Freitas (FREITAS, 2010), a respeito da monumentalização da cidade sobralense.

Podemos indagar se esta cidade é apresentada com um passado de poder e opulência devido ao discurso construído e justifica a 'monumentalização' da cidade que fala de riqueza, pioneirismo que está presente nos meios de comunicação social, nos livros, nas mídias, etc, falar de Sobral é falar do cenário local tombado do centro histórico. Segundo LE GOFF (1984) a ideia de monumento não representa ou comemora o conjunto de acontecimentos do passado mas sim escolhas efetuadas por operadores do desenvolvimento temporal e usam como suporte técnico o trabalho histórico, arquitetônico e jurídico.

Essa cidade triunfante é uma construção discursiva que está nos jornais e nas memórias de setores empresariais e também no pensar dos trabalhadores. Esse discurso triunfalista foi produzido como se falasse de todo o povo e em todos os tempos de forma homogênea. Para o pesquisador vale pensar a cidade considerando uma realidade que é a heterogeneidade dos que compõem a cidade, da pluralidade de visões, discursos e representações sobre esta. Esse olhar unilateral veiculado pelas elites *pode ser complementado* pelo olhar do outro, de uma forma plural, perceber não só o que as elites veem mas a riqueza da pluralidade dos sujeitos nas diversas temporalidades. Sem exclusivismos ou preocupações em se identificar maneiras corretas ou erradas de se ver a cidade.

Sobral é também patrimônio industrial.

Um dos primeiros passos para se imaginar o que seria esta discussão da cidade e patrimônio de natureza industrial, pensando também uma metodologia de trabalho,

seria, de fato, conhecer a riqueza patrimonial existente no próprio lugar em que se vive, considerando inclusive a amplitude e complexidade de uma educação patrimonial, que vai além da sala de aula, que articula a opção teórico-metodológica de forma 'extramuros'. Como afirma a professora Meneguello (2018): “desejamos que os jovens enxerguem a beleza dessa arquitetura e entendam a importância social dessas pessoas, dos inventores, dos trabalhadores, de todas as pessoas em todas as pontas do processo produtivo.”

Dentro dessa concepção de patrimônio, o tema do patrimônio industrial ganha visibilidade, pois evita de um reconhecimento restrito aos edifícios fabris, e passa a olhar também sobre os acervos e narrativas dos operários, aproximados por meio de história oral e das memórias de antigos ofícios e seus trabalhadores, aferindo à história da indústria uma compreensão e uma dimensão também imaterial.

É por este motivo que se faz fundamental ouvir estas pessoas, e a história oral é um caminho fundamental, pois permite a visibilidade e ampliação de outras vozes na história. É obvio que há estudos e pesquisas com história oral utilizando depoimentos de personagens que sempre tiveram destaque nas fontes escritas, a exemplo de políticos, personalidades e grandes empresários. Não há intenção de substituir uma narrativa por outra, pois lembremos que esta opção teórico-metodológica nos enreda num mosaico ou numa 'colcha de retalhos' plural e representativa (PORTELLI, 1997).

Na experiência da pesquisa há a inclusão de diversas categorias ou grupos que vivem a cidade cada qual a seu modo – há subjacente uma cidade que não está nas páginas dos jornais, que emerge das vivências de sujeitos do mundo do trabalho e do comércio. O pesquisador se abre para este diálogo e também se transforma, pois a pesquisa é um encontro entre sujeitos que não estão em pólos estanques mas em relações e descobertas imbricadas dentro da realidade social que poderá ser analisada por meio do seu diálogo com as fontes orais. Nas palavras de Verena Alberti:

[...] entender como pessoas e grupos experimentam o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas. [...]A capacidade de a entrevista contradizer generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica- isto é, permite a “mudança de Perspectiva” (ALBERTI, 2004: 26).

Como assinala (ROSA, 2001: 01-14) o patrimônio industrial é assim portador de valores diversos, dentre esses “o valor de testemunho histórico do desenvolvimento das atividades humanas, sendo ele a materialização dessas experiências, e o

valor social enquanto registro das experiências do trabalho industrial e dos trabalhadores”.

Nesta perspectiva, assumir a metodologia da história oral permite esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não tem como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças, prisioneiros, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas [...] (FERREIRA; AMADO, 2006: 14).

Portanto, são esses sujeitos sociais que, com suas marcas, desejos, utopias, memórias, subjetividades e esquecimentos, nos conduzem a realidades sociais, contextos, variadas formas de expressões, diversas manifestações culturais, na perspectiva de uma história em construção, da valorização de ‘pessoas comuns’ e não somente santos, heróis ou tiranos como se conhece na história chamada história oficial.

Sim, memórias, interpretações, religiosidade, trabalho, são palavras que falam muito dessas histórias em construção (os homens fazem sua própria história) que ‘para alguns, presos a conceitos- paradigmas antigos, perderia o sentido’. As novas abordagens e os métodos trazem, por exemplo, para o cerne das discussões historiográficas a relevância dos modos de viver, de trabalho e a relação de sujeitos com a cidade, até então, sem visibilidades.

Por esse viés, procuramos com Verena Alberti (2008: 157-158) compreender que a história oral se insere

Opondo-se à História positivista do século XIX, [tornando-se] a contra-História, a História do local e do comunitário (em oposição à chamada História da nação). Por trás desse movimento, estava a crença de que era possível reconciliar o saber com o povo e se voltar para a História dos humildes, dos primitivos, dos “sem História” (em oposição à História da civilização e do progresso que, na verdade, acabava sendo a História das elites e dos vencedores).

Este é também o trabalho do historiador, dialogar com as narrativas, considerar a pluralidade das falas, interpretar os possíveis sentidos destas, enfim, a opção da metodologia com história oral implica relacionar dentro das várias temáticas apresentadas, as trajetórias dos sujeitos, as memórias e interpretações do vivido de cada um dos narradores interlocutores da pesquisa.

Como assinala Pollak (1992: 200-212) “[...] A História tal como a pesquisamos pode ser extremamente rica como produtora [...] de novas interpretações”. A História

está se transformando em histórias, histórias parciais e plurais. A pluralidade das narrativas, as diversas experiências demonstram que existem diferentes maneiras de viver e interpretar o vivido. Assim, é importante isto ser explicitado para que haja uma potencialização e uma maior percepção da riqueza existente nas narrativas desses sujeitos sociais. Consideraremos aqui o caráter seletivo da memória, sem tomar as entrevistas orais como verdades indubitáveis, mas, como relatos e também resíduos de ações (VERENA, 2005: 168) que quando questionadas com base em uma teoria [com hipótese ou não] tornam-se fontes para a história.

Desse modo, a história oral veio permitir que vozes antes sem ressonância na história pudessem finalmente ganhar relevância. Apesar de haver pesquisas com história oral utilizando depoimentos de figuras que sempre tiveram destaque nas fontes escritas, como por exemplo políticos e grandes empresários, a maior parte das pesquisas concentra-se nas pessoas das classes subalternas, o ribeirinho, o trabalhador do chão de fábrica, a dona de casa, o pedreiro, o agricultor, enfim, como bem resume Etienne François:

“A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetivos, pois dá atenção especial aos dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma “história vista de baixo” (*Geschichte von unten, Geschichte von innen*), atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente ‘micro-histórica’” (FRANÇOIS in AMADO; FERREIRA, 2006: 04).

Portanto, as histórias são frutos das vivências e expressão da oralidade e a história oral ocupa um amplo espaço de pesquisa que dá visibilidades às vozes que não são ouvidas exatamente por não serem escritas. Se o homem se constrói em sociedade, a sociedade se constrói através da comunicação, e a comunicação primeira, não se pode negar, é a fala, é o instrumento tecnológico que todos possuem e está sempre atual.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. Fontes orais: história dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.
_____. Histórias dentro da história. In: Pinsky, Carla (org.) *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2005, p.155-202.

FERREIRA, M.M; AMADO, J. (org) Usos e abusos da História Oral. 8ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FERREIRA, Maria Leticia M. Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lugares de memória. In: *Revista Museologia e Patrimônio* - vol.II no 22 1 - jan/jun de 2009.

FILIFE, Maria da Graça da Silveira. MATOS, Ana Cardoso de; SALES, Telma Bessa. (Orgs.). Conversando sobre patrimônio industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens. Sobral: Edições UVA, 2018.

113

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Osvaldo Cruz/Fundação Getúlio Vargas, 2000.

JÚNIOR, Paulo Rocha Aguiar. A Cidade e o rio: Produção do Espaço Urbano em Sobral-Ceará. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2005.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990

MATOS, Ana Cardoso de; SALES, Telma Bessa. (Orgs.). Conversando sobre patrimônio industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens. Sobral: Edições UVA, 2018.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio industrial como tema de pesquisa. Anais I Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC, 2011, p. 1819-1834.

MOTA, L. M. G. et al. Caracterização das Paredes de Fachada de Edificações Históricas de Sobral. Anais CONTECC 2016, Foz do Iguaçu, 2016. Disponível em: <<http://www.confea.org.br/media/contecc2016/civil/caracteriza%C3%A7%C3%A3o%20das%20paredes%20de%20fachada%20de%20edifica%C3%A7%C3%B5es%20hist%C3%B3ricas%20de%20sobral.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

OLIVEIRA, Ana Laura Ferrer. Novos Usos para o Patrimônio Industrial: O Caso da Cordearia Nacional. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2012.

PINTO, Jober José de Sousa. Os Novos Palácios da Velha Princesa: Intervenções Arquitetônicas Contemporâneas no Sítio Histórico de Sobral. 2008, 129f. Dissertação (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

POLLAK, M. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder In: Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009. Resumo.

PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente". Projeto-História. São Paulo, 1997.

ROCHA, Herbert. O Lado Esquerdo do Rio. São Paulo. Hucitec: Secretaria de Desenvolvimento da Cultura e do Turismo, 2003.

ROSA, C. L. O patrimônio industrial: a construção de uma nova tipologia de patrimônio. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH SP, 2011, p. 01-14. (Grifos do original).

SALES, Telma Bessa. Sobral: outros olhares, outras memórias, outras histórias. Sobral, CE: Instituto ECCOA, 2012.



_____. Fontes e acervos para a pesquisa e docência em história. In. História e Ensino: fontes, métodos e temas. E. M. SILVEIRA, R. N. R. SOUSA e T. B. LEAL (Orgs). Sobral: Edições UVA; Editora Sertão Cult, 2018, p. 125-141.

SAMPAIO, Maria da Luz. In: MATOS, Ana Cardoso de; SALES, Telma Bessa. (Orgs.). Conversando sobre patrimônio industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens. Sobral: Edições UVA, 2018.

SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. A nostalgia dos apitos: A estrada de ferro de Sobral. quarenta anos depois da partida do último trem de Camocim-CE. (1977-2017). Sobral: edições Uva, 2017, p.36.

VIANNA, C.N. A indústria têxtil de algodão do Ceará (1881 – 1973): uma experiência de industrialização fora do Centro – Sul. Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Economia da Universidade de Brasília (1988).

Telma Bessa Sales

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós Doutora em Patrimônio e Diversidade cultural pela Universidade de Évora (UEV) Portugal. Professora do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Líder do Grupo de Pesquisa de História Oral e membro do ICOMOS-CE
